

ENCARTE PARA O PROFESSOR

Era uma vez Andersen

Recontado por Katia Canton

Ilustrações de Alzira Fragoso, Beth Moysés, Gabriel Veiga Jardim, Nina Moraes, Renata Pedrosa, Silvia Mecozzi e imagens de Vilhelm Pedersen

Em comemoração aos 200 anos do nascimento do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, esta obra reúne os contos *A rainha da neve*, *O patinho feio*, *Polegarzinha*, *O valente soldado de chumbo*, *A pequena vendedora de fósforos* e *A roupa nova do rei*, recontados por Katia Canton. O livro totalmente ilustrado traz, ainda, a biografia do autor em forma de conto.



Assuntos: contos de fadas, tradição oral

Interdisciplinaridade: Língua Portuguesa, Arte

Tema Transversal: Ética

Edição 2005

72 p. / 17 x 24 cm/ ISBN 85-3680-002-X

LEITURAS BRASILEIRAS DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Releituras e reflexões sobre *Era uma vez Andersen*

Há um importante debate em curso, que não é recente, mas tem mobilizado corações e mentes, com força de novidade, talvez em função de sua premência. Discussão que relaciona três áreas distintas, ainda que correlatas — Leitura, Literatura para Crianças e Jovens e Educação —, e apresenta, em geral, a seguinte questão (ou as questões): Seria possível incentivar efetivamente a leitura (em especial, a leitura das obras literárias direcionadas a crianças e jovens) na sala de aula? Ou será que a escola, por seu caráter de instituição normativa e de transmissão de conhecimento, estaria irremediavelmente condenada a extinguir toda e qualquer forma de prazer na atividade intelectual? Os professores, muitas vezes, vêem-se quase perdidos em uma encruzilhada metodológica, acreditando serem forçados a optar entre o “ler por prazer” — hedonista, sem compromisso, livre — e o “ler para aprender” — utilitarista, rígido, limitado à extração de conhecimento e mensagens. O que fazer, então?

Não caberia neste sucinto suplemento aprofundar tal dilema. Vale, contudo, lembrar que não concordamos com posições estanques e tão extremadas. A mais prazerosa das leituras artísticas

Encarte integrante do livro *Era uma vez Andersen*, de Katia Canton, ilustrado por vários artistas, publicado pela Editora DCL – Difusão Cultural do Livro. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução sem prévia autorização da editora.

contém seus percalços e é imprescindível esforçar-se para superá-los; analogamente, nas densas leituras científicas, é empolgante a descoberta dos enigmas ocultos. O presente encarte não possui como objetivo ser um conjunto de respostas rápidas e prontas, uma “receita de bolo”, um “manual de instruções”. Consideramos que a maneira mais eficaz de solucionar o dilema anteriormente mencionado é estimular o próprio docente a encontrar as suas soluções. Sem dúvida alguma, é ele o profissional mais indicado e capaz, pelo convívio e pela prática na sala de aula, para construir as necessárias pontes entre o aluno e o livro, afastando-se da padronização de técnicas educacionais. Nosso intuito, com estas sugestões e reflexões, é tão-somente fornecer subsídios que auxiliem o professor a deslindar a beleza, o encanto e a força dos contos de Hans Christian Andersen e, com eles, propiciar uma leitura compartilhada. Uma leitura do nosso jeito, à nossa moda, leitura com tempero brasileiro que, a um só tempo, traga diversão e conhecimento, prazer e reflexão, tenacidade e esperança.

Por que Andersen?

Desde o início do ano de 2005, ou mesmo já ao final de 2004, especialistas em literatura infantil e juvenil, professores de literatura, críticos literários, jornalistas, escritores, ilustradores, fãs incondicionais de histórias como *O patinho feio* e *A sereiazinha* estavam com os ânimos exaltados. O motivo para tanta agitação era (e é) apenas um: a celebração do bicentenário de nascimento de Hans Christian Andersen. Nascido em Odense, pequena cidade da Dinamarca, em 1805, o artista de muitos talentos é considerado o pai da literatura infantil e juvenil universal. A relevância de sua obra para crianças e jovens é reconhecida no mundo inteiro. De origem humilde — filho único de uma lavadeira e de um sapateiro —, Andersen sofreu todas as dificuldades de uma vida pobre na Dinamarca do século XIX. Cabe recordar que a realidade dinamarquesa da época não era a de um país rico como atualmente, as constantes guerras enfraqueciam as finanças e aumentavam os contrastes entre a plebe e a nobreza. O criador d’*O valente soldadinho de chumbo* passou frio e privação de alimentos, foi discriminado pelo seu linguajar característico de classe social mais baixa, teve que interromper seus estudos para trabalhar, além de ter desenvolvido ele mesmo uma série de complexos em razão de sua incomum e desengonçada estatura (mais de dois metros de altura) e de sua feiúra digna de nota. Porém, como indicado no título de sua autobiografia — *O conto de fadas da minha vida* —, o que começou muito triste e sombrio terminou em um colorido final feliz. Ainda em vida, Hans Christian Andersen obteve prestígio e reconhecimento de sua obra literária, dentro e fora de seu país natal, transformando em sucesso um caminho que parecia fadado ao fracasso.

Vale a pergunta: Por que Andersen é tão importante? A razão é que a obra de Andersen é um divisor de águas na história da literatura infantil e juvenil universal. É imperativo a qualquer estudo que trate minimamente das origens da literatura para crianças e jovens mencionar a oralidade, as fábulas, os contos de fadas. O nascimento das histórias como conhecemos hoje, em caprichados objetos editoriais, ricamente ilustradas e com elevada exuberância gráfica, está no costume ancestral de se reunir ao redor da fogueira. Ao analisar criticamente o percurso histórico da literatura destinada aos pequenos e jovens leitores, percebemos que três sobrenomes se destacam: Perrault, Grimm e Andersen. Charles Perrault, na França do final do século XVII, e os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, na Alemanha do século XIX, desenvolveram trabalhos equivalentes e de definitiva importância. Foram, respectivamente, *Contos da Mamãe Gansa*, de 1697, e *Contos de fadas da infância e do lar*, publicado em dois volumes, em 1812 e 1815. Nesses trabalhos, eles colheram e compilaram histórias que percorriam as bocas e os ouvidos dos camponeses e corriam o risco de se perder nas dobras do tempo.

De maneira distinta de Perrault e dos Grimm, Andersen confere um estatuto de originalidade às suas histórias. Sem dúvida, o criador d’*Os sapatinhos vermelhos* foi marcado e influenciado pelas narrativas orais desde a mais tenra infância (pois o acesso ao livro era condição rara e

remota para a plebe). Entretanto, Andersen mescla, transpõe, funde, ou seja, transforma os estímulos recebidos em arte literária completamente nova e original. Eis a razão pela qual sua obra se tornou um paradigma, a despeito de seus finais não tão felizes. Acusação, inclusive, reiteradamente feita a Andersen pelos seus detratores. Segundo estes, o universo dos contos de Andersen é excessivamente triste, sombrio, angustiado, doloroso e, por conta disso, desaconselhável para crianças e jovens. Comentaremos, no próximo tópico, nossa opção metodológica e nossa linha de raciocínio a respeito desse posicionamento.

Por que Andersen, aqui e agora?

Estimular a leitura dos textos de Andersen com aqueles leitores detentores de uma considerável bagagem cultural, que possuam um alto nível crítico e de leitura considerável, é uma tarefa bastante fácil, quase natural. É certo que os professores que primam pela sagacidade perguntarão: — Tudo bem, mas e quanto àqueles leitores que se negam a entrar em contato com qualquer coisa que lhes seja nova, diferente, desconhecida, os chamados “leitores relutantes”? E mais: ao preparar sua aula desejando nela desenvolver uma atividade com um ou mais contos de Hans Christian Andersen, emergirá no docente a indagação: — O que um autor dinamarquês do final do século XIX teria a contribuir para um jovem leitor de um país solar, como o Brasil, em pleno início do século XXI? Ou seja, para além da indiscutível importância para a literatura infantil e juvenil mundial, por que se interessariam os jovens brasileiros pelo autor de *O isqueiro mágico*? Como uma discussão mais aprofundada de um tema específico e amplo foge à proposta do encarte, apontaremos apenas dois argumentos que tentam responder a esses questionamentos.

Como mencionado anteriormente, Hans Christian Andersen é considerado o pai da literatura infantil e juvenil universal. Como Monteiro Lobato, criador do universo do Sítio do Pica-pau Amarelo, é reconhecido como o pai da literatura infantil e juvenil brasileira, poderíamos jocosamente afirmar que a literatura para crianças e jovens é “filha de dois pais”. Esse vínculo com Andersen foi indicado pelo próprio criador de Emília, quando confessou uma perspicaz condenação apontando para a proximidade entre a sua obra e a do escritor nórdico: “Estou condenado a ser o Andersen destas terras — talvez da América Latina”.

Interessante notar que muitos dos mais premiados autores contemporâneos da produção editorial destinada aos jovens leitores brasileiros — tais como, por exemplo, Ana Maria Machado, Ziraldo, Ruth Rocha, Bartolomeu Campos de Queirós, Lygia Bojunga — fazem questão de se declarar como “filhos de Lobato”. Trata-se de uma linhagem de qualidade literária, portanto. Filhos de Lobato, “netos de Andersen”... Como um fio que vai puxando um novelo de enredo, o professor pode estimular um rico passeio pelo percurso da literatura infantil partindo de Andersen, cruzando o Atlântico e dando uma parada no Sítio do Pica-pau Amarelo até chegar aos nossos dias.

Outro aspecto que pode ser utilizado como gancho e, paradoxalmente, é visto como um argumento desmerecedor da obra do criador da história *A princesa e a ervilha* é o conjunto de temas. Os contos de Andersen, em sua maioria, trazem ao leitor situações que abordam dor, sofrimento e tristeza. Os jovens de hoje estão constantemente sendo bombardeados por informações de toda sorte, e consideramos que estimular posturas superprotetoras não nos levará a um caminho de transformação para a nossa sociedade. Enfrentar dilemas existenciais, mergulhar nos dilemas da condição humana é parte importante para o crescimento de todos os indivíduos. Que então tal empreitada seja modulada pela arte literária, na fruição do prazer estético.

Prazer estético que desde a capa de *Era uma vez Andersen* está sendo degustado. O volume, de elevado apuro gráfico, destaca-se em meio às publicações que foram lançadas por conta da celebração de seu bicentenário de nascimento. A presente edição chama a atenção até mesmo

do leitor principiante pela qualidade do acabamento editorial. Com um olhar crítico mais técnico, podemos observar a originalidade e a importância da opção conceitual realizada pela editora. A escritora Katia Canton, com primor realiza um intenso diálogo entre a oralidade e o registro escrito, como o magistral estilo de Andersen.

O clima de conversa perpassa toda a publicação, e poderíamos citar a capa. Ao analisarmos os elementos gráficos que abundam na capa, percebemos que o grafismo dos flocos de neve, que naturalmente remetem à gélida Escandinávia, apresenta-se aqui multicolorido, ou seja, é o branco em difração, o espectro de cores. Arco-íris emblemático do sotaque tropical, da dicção brasileira em diálogo com a ambientação dinamarquesa: é um indício do conceito que pauta a edição. A predominância de elementos circulares também nos dá uma pista reforçando a proposta do livro. As várias formas circulares apontam para o círculo, para o ciclo, e cada novo ciclo é diferente, é um novo contar de cada conto, é um recanto.

A idéia norteadora de alternância de vozes está também presente nas ilustrações que compõem o objeto-livro. Em uma bem entremeadada costura visual, temos as ilustrações com técnicas clássicas como bico-de-pena do conterrâneo e contemporâneo de Andersen, Vilhelm Pedersen, em uma exuberante composição com as ilustrações dos artistas plásticos atuais, realizadas com novas técnicas e tecnologias.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Por que Andersen, aqui e agora, na sala de aula?

É possível trabalhar conteúdos programáticos e temas transversais, com imaginação e criatividade, usando livros de literatura, além dos livros informativos para crianças e jovens. É possível perceber que o ato de leitura não é atividade de mero prazer, mas também uma poderosa ferramenta. É possível trabalhar textos de um autor como o dinamarquês Hans Christian Andersen, que, mesmo tendo vivido em um tempo e em um espaço diferentes dos de nossos leitores, produziu textos que falam tanto ao nosso coração, que calam tão profundamente em nossa alma que compreendemos o porquê de o livro ser considerado uma ponte, uma porta para outros mundos. Este encarte é fundamentalmente um convite aos professores para serem companheiros de jornada, para se aproximarem dos seus alunos, transformando o livro nessa ponte. Eis o momento de desvelar a magia que se esconde por trás dos obstáculos, de se encantar com o prazer da leitura, aliando razão e emoção. Eis o momento de ler, de reler, de recontar, de refletir, ou seja, de realizar as novas leituras. Leituras brasileiras de Andersen.

Teceremos, em seguida, alguns breves comentários sobre os contos e suas respectivas ilustrações, com o cuidado de não tirar o prazer da leitura ou da interpretação individual.

A rainha da neve

Com ilustração de Beth Moysés, que empregou a técnica de costura de tecido, salientando graficamente os corações de João e Alessandra (brasileiríssima leitura dos nomes originais Kay e Gerda) em posição invertida e especular, o conto é ótimo para trabalhar a questão da amizade e dos limites da individualidade.

O patinho feio

Um dos contos mais clássicos entre os clássicos infantis. Na obra de Andersen, assume um caráter não apenas emblemático como autobiográfico, e estimula a produção de novas versões por parte dos leitores/alunos, em uma interpretação visual ou textual. A interpretação gráfica de Nina Moraes, feita de recortes de catálogos de moda, permite uma ampla discussão sobre o conto. No

caso de se trabalhar com alunos adolescentes, um prolífico debate sobre moda e sobre o valor que se dá à aparência e à essência em nossa sociedade.

Polegarzinha

Renata Pedrosa usou técnica mista para as ilustrações da história da “menina do tamanho de um polegar de criança”. Também conhecida por Mindinha, Tommelise, Polegarina ou Tumbelina (em decorrência de um aportuguesamento do termo inglês *thumb*, que significa polegar), guarda uma relação intertextual direta com outro clássico infantil: *O pequeno polegar*. O livro *A chave do tamanho*, de Monteiro Lobato, com as traquinagens de Emília, pode ser trabalhado em conjunto com *Polegarzinha*, abordando tamanho e identidade, relativização das formas e valores (no caso de um circuito mais avançado). Pode render boas aulas de Biologia, em especial sobre insetos.

O valente soldadinho de chumbo

O conto é um dos mais conhecidos de Andersen, talvez pelo seu cunho romântico. Ao trazer o conto, Monteiro Lobato fez uma leitura brasileira transformando o boneco marionete (que em outras é um duende) em saci. O enredo segue linear, e a passagem mais genial é a reviravolta que leva o soldadinho a ser encontrado dentro do peixe. Ética, diferenças culturais, identidade e aceitação das diferenças são temas que podem ser abordados a partir da leitura do conto, seja na forma de debate, de maneira mais explícita, seja na forma mais sutil, com atividades. Conhecemos uma escola que fez uma reescrita coletiva do conto narrando o amor entre um usuário de cadeira de rodas e uma bailarina. Sílvia Mecozzi presta homenagem aos *paper-cuts* de Andersen e também trabalha com a circularidade do conto.

A pequena vendedora de fósforos

Com este conto, as atividades podem ser calcadas na leitura visual, no caso dos leitores menores ou pré-leitores. A ilustração de Alzira Fragoso — que empregou a técnica de silhueta, com recortes de papel em preto sobre fundo branco — incentiva que se façam recortes e colagens, explorando o aspecto lúdico e criativo. Andersen, ao contar suas histórias para as crianças de sua época, simultaneamente recortava papel como forma de ilustração tridimensional.

Se houver necessidade de desenvolver atividades para os de maior faixa etária, uma sugestão é transformar a história em um tema gerador de um debate jovem (algo como “A infância de rua”). A canção “Relampiano”, de Lenine e Moska, traça um belo e crítico diálogo intertextual dos versos “*Tá relampiano/ Cadê neném?/ Tá vendendo drops no sinal pra alguém*” com o trecho do conto “*Mas naquele dia ela não tinha vendido nada. Estava com medo de voltar para casa e apanhar do pai por causa disso. Ele às vezes ficava muito nervoso*”.

A roupa nova do rei

Eis uma história que não perde sua atualidade, dada a sua singularidade. Tão forte quanto bela, tão carismática quanto contundente. Ao aliar a poesia com a reflexão crítica, mostra ao leitor um viés que desconstrói as falácias do poder, desnudando a sociedade. Extremamente atual, o conto se plasmou de tal maneira ao inconsciente coletivo que muitos se espantam ao descobrir que ele tem autoria. Ao recuperar valores morais, torna-se um rico manancial para debate e discussão. A técnica mista (clássica e tecnológica) de Gabriel Veiga Jardim enfatiza o desnudamento explícito, mas no olhar da criança que ri das vergonhas de um vaidoso soberano que não tem o menor pudor.

UM POUCO MAIS SOBRE ANDERSEN: SUGESTÕES DE LIVROS E FILMES

LIVROS

São muitas as publicações contendo contos do ilustre dinamarquês, com várias traduções e adaptações, em diversas editoras. Cada uma delas com sua peculiaridade, direcionada a um nível de leitor, de determinada faixa etária. O mais interessante é o professor considerar o nível de interesse e de leitura de seus alunos e garimpar as diferentes pepitas literárias nas livrarias e bibliotecas.

Textos traduzidos ou adaptados

Contos de Andersen. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997.

Uma das mais completas edições das histórias de Hans Christian Andersen no país, a edição traz quarenta e sete contos traduzidos diretamente do dinamarquês. Para o leitor de fôlego e de elevado nível de criticidade.

Histórias do cisne. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

Utilizando como narrador um cisne de nome Hans, o especialista inglês Brian Alderson selecionou e adaptou histórias como *O soldadinho de chumbo*, *A pastora e o limpador de chaminés* e mais outras dez histórias.

Contos de Andersen. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

Numa coleção que traz um conto por volume, são apresentadas as mais conhecidas histórias de Andersen (*O soldadinho de chumbo*, *O patinho feio*), bem como outras bastante raras como, por exemplo, *Um presente para Hans* ou *A filha do rei do pântano*.

Contos e histórias. São Paulo: Landy, 2004.

Algumas traduções inéditas para contos conhecidos como *Polegarina* (versão para *Polegarzinha*) ou *A dama das geleiras* (versão para *A rainha da neve*) e os comentários sobre a obra de Andersen diferenciam esta edição das demais.

Contos de Andersen. Volumes 1 e 2. Mary França (tradução e adaptação); ilustração de Eliardo França. São Paulo: Ática, 1996.

A escritora Mary França e o ilustrador Eliardo França foram para a Dinamarca e produziram a maravilhosa coleção que alia fidelidade ao texto original com uma linguagem que aproxima o leitor brasileiro do texto, além das delicadas e premiadas ilustrações.

Contos de Andersen. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Esta edição traz belíssimas ilustrações da artista Renata Fuciková para uma antologia que equilibra clássicos com contos menos conhecidos no Brasil, como *As flores da pequena Ida* e *O isqueiro mágico*.

Histórias maravilhosas de Andersen. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995.

Com primorosas ilustrações do século XIX, a compilação brinda o leitor com clássicos como *A roupa nova do rei*, *Polegarzinha*, *O rouxinol*, *A princesa e a ervilha*, *A sereiazinha*, *O patinho feio*, entre outros.

Contos de Andersen. Seleção e ilustração de Lisbeth Zwerger. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

A premiada ilustradora Lisbeth Zwerger (contemplada com o Prêmio Hans Christian Andersen para o conjunto de sua obra para crianças e jovens) selecionou e ilustrou as histórias nesta edição de grande apuro gráfico. A reunião apresenta, além dos mais conhecidos, raridades como *O estojo de pedreira* e *O homem da areia*.

Um patinho de muitas facetas

O mais popular conto de Andersen no Brasil tem muitas faces, nas várias edições. Desde aquelas que apresentam o conto aos bem pequenos até aquelas que subvertem o diálogo com o clássico, pressupondo minimamente um conhecimento do enredo.

O patinho feio. Mary & Eliardo França. São Paulo: Ática, 1999.

A fidelidade ao original e as sutis ilustrações já transformaram esta edição em um clássico das traduções brasileiras.

O patinho feio. Adaptação de Tatiana Belinky. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Nascida na Rússia e vivendo no Brasil desde menina, Tatiana Belinky mescla o clássico com o contemporâneo em uma ótima releitura brasileira.

O patinho feio. Recontado por Ruth Rocha. São Paulo: FTD, 2004.

As ilustrações de Maria Eugênia e o talentoso estilo de Ruth Rocha seduzem imediatamente os pequenos leitores.

O patinho feio. Antonio Carlos Vilela e Marlee Alex. São Paulo: Melhoramentos, 2004.

Para os bem pequenos que precisam de uma mãe exclusivamente fada, a versão na qual a mamãe pata acolhe e acha o belo, o feio patinho.

O patinho feio e outros contos de Andersen. Lino de Albergaria e Marcia Franco. Belo Horizonte: Lê, 1996.

Além do conto-título, traz dois contos pouco conhecidos que com ele guardam uma certa relação, *João-Pato* e *Os onze cisnes*.

O patinho realmente feio. Jon Scieska & Lane Smith. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

Neste livro, o pato não vira cisne ao final, além de ser e permanecer feio. Desconstrói o final feliz dos contos de fadas, com muito humor.

O patinho feio. Adaptado da obra de Hans Christian Andersen, em cordel. J. Borges & Jô Oliveira. Belo Horizonte: Zit Editora, 2005.

Com texto em forma de cordel, o famoso xilogravurista faz um texto que é uma emblemática releitura do personagem ambientada no Nordeste brasileiro. As ilustrações coloridas de Jô Oliveira fazem homenagem aos grafismos da xilogravura.

Hans Christian Andersen: 1805-2005

Por conta da celebração de seu bicentenário de nascimento em 2005, surgiram algumas publicações dando conta não apenas da obra, mas abordando também a vida do criador de *Os sapatinhos vermelhos*, como, por exemplo, *Palmas para João Cristiano*, de Ana Maria Machado, obra ilustrada por Maria Helena Martins, da Editora Mercuryo Jovem. Outra possibilidade de leitura é *Uma vida de contos de fadas*, de Marcos Bagno, publicado pela Editora Ática, livro que conta a história de um garoto que viaja até a Dinamarca do século XIX, tempo e espaço nos quais vivia Andersen.

Filmes

Diferentemente das publicações, as produções audiovisuais são bem mais incomuns. A ruiva sereia Ariel, dos Estúdios Disney, é quem se destaca.

***Polegarzinha* (Thumbelina, 1994, direção de Don Bluth)**

Com um estilo visual e musical marcadamente influenciados pela estética disneyana, o filme do diretor Don Bluth com certeza agradará aos menores. Já aos quatro anos de idade, a criança percebe as diferenças intertextuais entre o texto filmico e o literário.

***A pequena sereia* (The Little Mermaid, 1989, direção de Ron Clements)**

Eis um filme que, desde seu lançamento, sofre críticas severas por parte dos especialistas em literatura infantil e juvenil, por conta das modificações radicais que foram realizadas no enredo original. A pequena sereia dos estúdios Disney foi batizada de Ariel, é alegre e ruiva e canta bastante. Já a sereiazinha do conto de Andersen vivia um dilema que a dilacerava: amando um príncipe humano que se apaixonou por outra humana, precisa escolher entre matá-lo ou abrir mão da sua própria vida, virando espuma assim que ele se casar. O final em Andersen, contrariamente ao desfecho de Disney, não é feliz. O filme tem como mérito a popularização da personagem principal, que se tornou comum como tema de festas infantis.

***Hans Christian Andersen* (Hans Christian Andersen, 1952, direção de Charles Vidor)**

Biografia musical de Hans Christian Andersen, estrelada por Danny Kaye, em uma época que os estúdios de Hollywood desenvolviam musicais altamente produzidos. O filme não prima pelo rigor histórico, o que pode incomodar os puristas. Entretanto, pode ser uma boa entrada para o mundo de Andersen, em especial para aquele docente que não possui nenhum tipo de conhecimento sobre o autor de *Os cisnes selvagens* e precisa ter um primeiro contato com sua biografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

- AZEVEDO, Carmen Lucia et al. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Senac, 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- TATAR, Maria (edição, introdução e notas). *Contos de fadas: edição comentada e ilustrada*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- ZIPES, Jack. Hans Christian Andersen and the Discourse of the Dominated. In: *When dreams come true: Classical Fairy Tales and Their Tradition*. New York: Routledge, 1999.

Periódicos

- MACHADO, Ana Maria. 200 anos de Andersen. *Pais e Filhos*, São Paulo, ano 37, n. 421, p. 52-53, abr. 2005.
- MENIN, Ana Maria. Fabuloso fabulista. *Carta Capital*, São Paulo, ano XI, n. 339, p. 10-14, 27 abr. 2005.
- PURVINNI, Larissa. Sereia fora d'água. *Pais e Filhos*, São Paulo, ano 37, n. 421, p. 54-57, abr. 2005.

Página oficial do bicentenário de Andersen: <http://www.hca2005.com>

André Muniz de Moura, que elaborou este encarte, é crítico literário, escritor e professor. Especialista em Literatura Infantil e Juvenil (UFRJ) e mestre em Ciência da Literatura (UFRJ) com a dissertação “Monteiro Lobato, um leitor de Nietzsche”. Desde 1995, tem desenvolvido várias parcerias nas áreas de Leitura, Literatura para Crianças e Jovens e Educação, colaborando com diversas instituições, dentre elas: Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro (BPERJ), Casa da Leitura / Fundação Biblioteca Nacional (FBN-MinC), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp – campus Presidente Prudente) e Universidade Estácio de Sá (Unesa-RJ).